# Filosofia da linguagem - introdução e referência - 31/10/2022

\_Começando um novo passeio pela filosofia da linguagem\*\*[i]\*\*\_  
  
Bem, nesse blog já há algumas introduções à filosofia da linguagem que  
pretendemos continuá-las, mas nunca é tarde parece recomeçar. E é partir das  
aulas de Sagid que pretendemos fazer um panorama, começando por uma limpeza de  
terreno e pela conceituação de referência. De acordo com ele, os dois  
conceitos fundamentais da filosofia da linguagem são: referência e significado  
– sobre os quais temos falado ultimamente nesse espaço.  
  
Isso posto, Sagid distingue a filosofia da linguagem da filosofia linguística,  
esta última pretendendo \_resolver problemas filosóficos pela linguagem\_ , seja  
na busca por uma linguagem ideal, logicamente perfeita e sem defeitos, seja  
pela linguagem comum e, nesse caso, pelos seus usos e contextos.  
  
Já a filosofia da linguagem visa \_resolver problemas de linguagem\_ e ela  
procede por teses, apontando argumentos, soluções favoráveis e contrárias. E,  
como temos visto, três são seus principais problemas[ii]: qual o mecanismo que  
faz com que o mero proferimento de um som, por exemplo, “Belo Horizonte”, nos  
permita selecionar um lugar no universo (referência)? Por que determinadas  
frases têm significado e outras não? Como alguém consegue compreender o que  
dizemos? Essas questões de largada, salienta Sagid, mostram que é fácil usar a  
linguagem, mas difícil explica-la.  
  
\_Problema da Referência\_  
  
Começando pela referência, podemos perceber que algumas expressões  
linguísticas \_pretensamente\*\*[iii]\*\*\_ se conectam a realidade. Um nome  
seleciona um indivíduo, a expressão “isto” seleciona um objeto, quando falamos  
“cavalo” podemos nos referir ao grupo dos cavalos e “todavia” não seleciona  
nada[iv]. Daí que o problema da referência pode ser analisado de duas formas  
diferentes, o primeiro verifica qual item da realidade uma expressão  
pretensamente seleciona; o segundo como uma expressão pretensamente seleciona  
aquele item.  
  
Sagid denomina o primeiro o \_problema descritivo da referência\_ , tipicamente  
metafísico, que investiga do que a realidade é composta. Por exemplo, a  
expressão “O Saci Pererê é arteiro” seleciona um item da realidade ou um item  
ficcional? Expressões linguísticas que selecionam referentes que são  
personagens da ficção são tratadas pelo paradoxo das existenciais negativas  
singulares e sobre elas não há consenso. O problema descritivo é caracterizado  
por Sagid como de fronteira, isto é, não é propriamente linguístico e sobre  
eles há desacordo metafísico. Mesmo os termos gerais, que veremos a seguir,  
corresponderiam exatamente a quê? Ao pensarmos em “cavalo”, nos vemos as  
voltas com um determinado tipo de cavalo, com o conjunto de todos os cavalos  
possíveis ou apenas com a propriedade de um animal ser um cavalo?  
  
O segundo é o \_problema fundacional da referência\_ , isto é, aquele que trata  
do mecanismo que garante a seleção dos itens, mais especificamente, consoante  
Sagid: “em virtude de quais fatos há correspondência entre sons, tinta no  
papel e um indivíduo do mundo?”. Desse problema surgem as teorias da  
referência que trazem cada qual um mecanismo que pode bem funcionar ou não e  
que o escrutínio informará.  
  
\_Termos singulares e termos gerais\_  
  
Sagid argumenta que o método de proceder da filosofia da linguagem é o de  
quebrar o problema em partes, no que podemos caracterizar como um método  
analítico. Então, o problema fundacional da referência pode ser dividido em um  
\_problema da referência singular\_ , que verifica o que faz com que um termo  
singular se refira ao objeto ao qual se refere e um \_problema da referência  
dos termos gerais\_ , que verifica o que faz com que um termo geral se refira  
aos objetos aos quais se refere. Isso porque, aparentemente, há diferença  
entre o mecanismo referencial para termos gerais e termos singulares.  
  
Tomemos os exemplos de Sagid de expressões linguísticas que pretensamente se  
referem a itens da realidade:  
  
1. Aristóteles é sábio.  
  
2. Isto é uma cadeira.  
  
3. Aqui é Ouro Preto.  
  
Podemos dividi-las em expressões subfrásicas: “Aristóteles”, “isto”, “aqui” e  
“Ouro Preto” como sendo termos singulares; “sábio” e “cadeira” como sendo  
termos gerais[v]. Ora, os termos singulares seguem a \_condição de no máximo  
um\_ que, embora não sendo uma definição exata de termo singular, já que pode  
eventualmente acontecer a um termo geral, ainda assim nos permite certa  
caracterização. A condição de no máximo um permite caracterizar que uma  
expressão se refere a algo e que se refere a no máximo uma coisa. Ela trabalha  
com condições de verdade, quais sejam, condições que devem ser satisfeitas  
para uma afirmação ser verdadeira[vi]. Por exemplo, “Aristóteles”  
costumeiramente é tido como termo singular, mas pode vir a ser usado como  
termo geral em “Há mais de um Aristóteles na sala”.  
  
Uma forma de tratar o problema, proposta por Strawson, é não fazer a distinção  
entre tipos de termos, mas entre tipos de uso dos termos, isto é, quando  
determinada expressão é usada como um termo singular, etc., entretanto  
haveríamos que sempre qualificar sua utilização.  
  
De todo modo, Sagid de claro que procedemos à imagem de um funil, que ele  
exemplifica trazendo classes de termos singulares como os indexicais, que  
mudam em cada contexto. Dentre eles, há os indexicais puros, nos quais há um  
referente para cada contexto como em “eu” (o referente é a pessoa que usou a  
palavra) ou “aqui” (o referente é o lugar que a pessoa está) e há os  
verdadeiros demonstrativos que, diferentemente dos indexicais puros que estão  
associados a um significado linguístico, dependem de outros fatores, como uma  
intenção direcionadora. O significado de “Isto é uma caneta” depende de que se  
aponte ou direcione para algo. Tal qual “ele”, “aquele”: não se atém somente a  
uma regra de uso. Ou seja, o funil divide as classes em diferentes mecanismos  
referenciais cada qual com uma explicação. No caso dos termos singulares  
podemos ter indexicais puros, verdadeiros demonstrativos ou nomes próprios,  
que Sagid terá como foco para estudar as diversas teorias da referência, já  
que é tema dominante no debate.  
  
Cabe ressaltar, por fim, que esse é o método da ciência, isto é, embora  
queiramos compreender o todo, a ciência parte do particular ao geral, assim  
como para entender a linguagem geral temos que entender os diversos mecanismos  
subjacentes.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Recortes feitos das aulas 01, 02 e 03 do professor Sagid Salles  
disponíveis no Youtube. \_Curso IF - Filosofia da Linguagem\_ :  
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi\_DATFyS>.  
  
[ii] Nota-se clara alusão a Lycan:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/09/significado-e-  
referencia.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/09/significado-  
e-referencia.html).  
  
[iii] Pode haver determinado grau de ceticismo que torne a referência  
impossível e, no limite, até a nossa própria existência e, aí, Sagid menciona  
\_Peter Unger\_ \_para investigação posterior. Quine também aborda o tema de  
fronteira com a epistemologia (por exemplo, tradução radical).\_  
  
[iv] Aqui vale a distinção de uso e menção das expressões linguísticas que  
Sagid ressalta. Podemos \_usar\_ um nome para falar de uma pessoa, por exemplo,  
“O Aristóteles é filósofo” ou podemos pela expressão \_mencionar\_ como em  
“Aristóteles” tem 11 letras.  
  
[v] Poderíamos também incluir nos termos que se referem à realidade expressões  
como “ \_Alguém\_ foi reprovado” ou “ \_Todos\_ foram reprovados”, mas se tratam  
de quantificadores, termos que contam a frequência de ocorrência de termos  
gerais ou singulares.  
  
[vi] Parece-nos uma abordagem bastante lógica.